

Zero-a-Seis 06

"NÃO TENHO PRESSA. PRESSA DE QUÊ?" OU... APRESENTAÇÃO DO DOSSIER "BRINCAR: DIÁLOGOS ENTRE DOIS MUNDOS"

"I'm not in a hurry. In a hurry to do what?" or... presentation of the dossier
"Play: dialogues between two worlds"

Manuela FERREIRA

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação
Universidade do Porto
Porto, Portugal

manuela@fpce.up.pt

<https://orcid.org/0000-0003-4512-1669> 

Patrícia de Moraes LIMA

Departamento de Metodologia de Ensino
Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis, Brasil

patricia.demoraeslima@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6565-4852> 

Ana Paula Braz MALETTA

Faculdade de Educação
Universidade do Estado de Minas Gerais
Belo Horizonte, Brasil

ana.maletta@uemg.br

<https://orcid.org/0000-0002-3253-3990> 

Mais informações da obra no final do artigo ●

APRESENTAÇÃO

Não tenho pressa. Pressa de quê?
Não têm pressa o sol e a lua: estão certos.
Ter pressa é crer que a gente passa adiante das pernas,
Ou que, dando um pulo, salta por cima da sombra.
Não; não sei ter pressa.
Se estendo o braço, chego exactamente aonde o meu braço chega –
Nem um centímetro mais longe.
Toco só onde toco, não aonde penso.
Só me posso sentar aonde estou.
E isto faz rir como todas as verdades absolutamente verdadeiras,
Mas o que faz rir a valer é que nós pensamos sempre noutra coisa,
E vivemos vadios da nossa realidade.
E estamos sempre fora dela porque estamos aqui.

20-6-1919

"Poemas Inconjuntos"

Poemas Completos de Alberto Caetano
Fernando Pessoa¹

¹ Recolha, transcrição e notas de Teresa Sobral Cunha. Lisboa: Presença (1994). In Arquivo Pessoa. Obra Édita, disponível em <http://arquivopessoa.net/textos/2583>

Reimaginar a educação ao serviço da democracia ganhou foros de urgência na geopolítica em pleno século XXI face aos desmandos sem precedentes e impossíveis de ignorar do aumento desmesurado das desigualdades sociais e econômicas que amplificam as bases estruturais do patriarcado, do machismo e da misoginia, do racismo e da xenofobia; que nutrem o individualismo e a mitificação da meritocracia; que minam a instabilidade política e o populismo; os conflitos bélicos e o genocídio; que propagam ameaças existenciais de pandemias globais, a crise climática e o fosso digital. Tais agravos, a par de manifestações de autoritarismo ostensivo, cínico ou descomplexado, restrição das liberdades, amnésia histórica e moral coletiva, embotamento da sensibilidade social e adormecimento das consciências, mostram até que ponto o capitalismo tecnológico e o neoliberalismo e a necropolítica ameaçam a democracia, tanto como forma de governo, quanto como modos de vida quotidianos (Apple et al., 2022; Mbembe, 2018).

De permeio fica o alerta que a educação, enquanto instituição e prática social, não está a salvo numa redoma de vidro, isolada das mesmas questões que se colocam e afetam a existência de todos nós todos os dias - e que estão longe de serem inéditas. A não ser, talvez, a sua premência! Veja-se o caso da pequena infância: em alguns contextos, até entrarem na escola obrigatória, cada vez mais um maior número de crianças, já desde bebés, frequenta creches e jardins de infância por longas horas diárias, sendo submetidas a tempos, espaços, atividades rotinizadas, e a metas e avaliações obcecadas com a sua futura produtividade e o sucesso. Ao mesmo tempo, paradoxalmente, também em alguns contextos, a escassez estrutural de vagas e o subfinanciamento crónicos a uma educação de infância pública, a par da carência material e social severa das famílias pobres, muitas delas trabalhadoras, assimetria regionais ou barreiras burocráticas e linguísticas, privam ou reduzem drasticamente as chances de um número significativo de crianças de 0 a 6 anos terem acesso a serviços de educação e cuidado de qualidade, expondo um sistema de desigualdades que começa antes mesmo do nascimento: crianças pequenas continuam a ser o grupo etário mais persistente e duradouramente afetado pela pobreza e exclusão social (CEPAL, 2023; Carvalho et al, 2025). A pandemia, em 2020, aprofundou essas brechas com as interrupções dos serviços destinados à educação de infância, o desemprego e a queda na renda familiar e os retrocessos na saúde e nutrição infantil, criando um cenário em que o "acesso" deixa de ser apenas uma questão de vaga e matrícula e passa a refletir a capacidade dos Estados de garantirem a construção de ambientes que reparem

desigualdades, respeitem as múltiplas linguagens e culturas das crianças e, com tudo isso, assegurem, afinal, condições mínimas de desenvolvimento integral às novas gerações.

Eis o retrato de sociedades que se dizem modernas e que, na ausência em reparar desigualdades estruturais e/ou na sua pressa absurda em transformar crianças em alunos dóceis e produtivos mediante a sua escolarização precoce, nos leva a perguntar pela voz do poeta: *"Pressa de quê?"* Que retrato é esse de começo de vida em que a objetificação das crianças para atingir um fim com valor social, entenda-se económico, se esquece precisamente delas como fins com valor humano em si mesmas, no presente? Que deixa de as ver como pessoas vivas e de corpo inteiro que *"não sa[bem] ter pressa"* senão para *"estende[rem] o braço"* e *"toc[arem] só onde toc[am]"*, aprendendo a conhecer através da ação sensível com o mundo real quando o exploram, brincando com outros. E que ignora, afinal, quem são as crianças, até porque, perante essa pressa adulta de as preparar para um amanhã possível, o que *"faz rir a valer é que pensamos sempre noutra coisa"*, ou seja, as crianças são atores sociais inteligentes, e igualmente reflexivos e críticos, capazes de pensar e agir outramente e, até, a *contrário* e em alternativa.

Importa, portanto, em pleno século XXI, compreender e consciencializar que as crianças a *"rir como todas as verdades absolutamente verdadeiras"*, riem ainda mais porque sempre encontram jeitos de ganhar tempo para si, e de o viver à sua maneira, burilando e escapando às realidades concretas e objetivas, especialmente as que amarram e disciplinam os seus corpos e mentes infantis para os tornarem úteis e produtivos. *"E vivemos vadios da nossa realidade"*, subvertendo os princípios da realidade e da ordem pelo elogio dos princípios do desejo e do prazer, da ociosidade e da inoperância, da errância e da improvisação - traços da ludicidade e da auto/heterodeterminação congregados nos modos das crianças serem e estarem crianças entre crianças, de que o brincar é o corolário retumbante. Trata-se de usufruírem do direito a serem crianças e a brincarem, que se processa nesse trânsito entre fantasia e utopias realizáveis porque *"estamos sempre fora dela porque estamos aqui"*, com adultos e crianças num dado contexto *"sentado aonde estou"* – noções que, igualmente longe de serem inéditas, ganham renovada pertinência quando se trata de reimaginar a educação ao serviço de uma democracia que se constrói no quotidiano de creches e jardins de infância.

Estruturas, tradições, currículos e pedagogias que reduzem a noção de educação à escola, e esta à escolarização, e estas às práticas dominantes de ensino-aprendizagem

da alfabetização, abreviando a infância às crianças porque “*cre[ndo] que a gente passa adiante das pernas*”, “*Ou que, dando um pulo, salta por cima da sombra*”, conflitua, pela “*pressa*” intensa e zelo antecipatório, com a realização do potencial da ação educativa democrática e o compromisso com a participação cívica e o bem comum. Aqui chegadas, e perante tudo o que já foi dito, ao pararmos para repensar a educação de infância e as suas relações com a infância/crianças e o brincar, subscrevemos a declaração do poeta, “*Não tenho pressa. Pressa de quê?*”, e lançamos o repto aos leitores.

O dossiê “*Brincar: diálogos entre dois mundos*”² apresenta um conjunto de nove textos que procura oferecer uma perspetiva crítica sobre a infância e a educação de infância contemporânea, retomando a controvérsia nacional e internacional entre “*dois mundos*” representados pela crescente tendência para a escolarização precoce e/ou instrumentalização do brincar e pela assunção do brincar e do direito a brincar como fundamento e base empírica de uma educação de infância relacional, holística e inclusiva, “*sem pressa*” e que “*não passa diante das pernas nem salta por cima da sombra*”. Por conseguinte, a autoria de cada artigo em duplas de académicas e educadoras, mas muito especialmente a interlocução e escrita conjunta por estes “*dois mundos*”, teve como propósito não dissociar as teorias das práticas, fossem elas de quem está no terreno da academia e/ou no terreno das pedagogias para, precisamente, mostrar como os posicionamentos teórico-concetuais importam para ler, interpretar, compreender e agir de modo fundamentado, situado e com sentido, tal como a espantosa realidade e complexidade das relações e processos que do brincar fazem VIDA, alimentam, contradizem, tensionam e colocam à reflexão e ao conhecimento estabelecido renovadas interrogações.

Nesta ecologia de saberes, sábios e profanos, em que resultados de pesquisas e experiências de profissionais praticadas no terreno se interdependem, duas preocupações comuns: uma, desinstalar perspetivas adultocêntricas, desenvolvimentistas e normalizadas, afirmando linhas de força teórico-concetuais, metodológicas e empíricas que reposicionam as crianças como atores sociais competentes e o brincar como um território político, cultural e de afirmação identitária; a outra, dar a conhecer perspetivas teóricas críticas em que Estudos Sociais da Infância e da Educação da Infância confluíssem e dialogassem com outras disciplinas das

² Esta proposta de dossiê decorre de ações desenvolvidas entre/no Grupo de Estudos Etnografia e Infâncias (GEPEI/UFSC/FPCEUP/PT) e no Grupo de Estudos e Pesquisas em Infância(s), Crianças e Educação (GEPICE/UEMG) realizadas entre 30/09/2024 à 25/11/2024 e que se mantém em desenvolvimento no âmbito do CirandeI - Programa de Formação de Professores Crianças e Infâncias (GEPICE/UEMG).

Ciências Sociais – Geografia, Antropologia, Psicologia, História e Filosofia – e se expandissem e renovassem a partir de novas “lentes” acerca da realidade e da produção de conhecimento propostas pelas Epistemologias Pós-humanistas, Ecológicas e Decoloniais. Trata-se de substanciar as qualidades heurísticas do brincar em ação para descortinar horizontes de novas possibilidades capazes de refundar e/ou aprofundar intervenções educativas respeitadoras dos direitos das crianças, refinando os olhares que incluam os marcadores sociais de gênero, raça, classe e geração e os desafios que temos para interpretar o brincar sob o ponto de vista das crianças. Neste sentido, partir da práxis com as crianças para compreender mais amplamente a infância e as relações educativas inerentes ao brincar, significou o posicionamento de teóricos e práticos em modos de conhecimento qualitativo e focados na escuta para compreenderem as vozes delas mediante etnografias, observação participante, entrevistas, registros multimodais (fotos/vídeos), pesquisa e análise de vários tipos de documentos.

Ora, ao mesmo tempo que os textos reunidos convergem na valorização das crianças como atores sociais e produtoras de culturas lúdicas infantis, mostram como esse processo é plural e diverso, porque *“Se estendo o braço, chego exactamente aonde o meu braço chega (...) Toco só onde toco, não aonde penso; Só me posso sentar aonde estou”*; porque está situado em contextos institucionais e geoculturais muito distintos e atravessados por marcadores sociais específicos. Fica assim visível algumas das diversidades locais brasileiras e portuguesas, e de modos de fazer acontecer Educação Infantil no dia-a-dia, sensíveis a especificidades socioambientais e das comunidades, como acontece nas infâncias ribeirinhas amazônicas e nas infâncias guaranis, em que elementos da natureza, como o barro e o rio, não são apenas cenários, mas extensões do próprio corpo e ferramentas de resistência cultural e de preservação cosmopolítica. Ou em que brincar inclui a agência de seres não-humanos, como borboletas e árvores, desafiando a dicotomia ocidental entre humano e natureza, pois esta não é cenário, mas um corpo vivo; ou em que cultura mediática e tecnológica também constituem matéria-prima para novas criações infantis. O brincar expõe, ainda, marcadores sociais da diferença, funcionando como um espaço político de negociação para as crianças lidarem com fronteiras de gênero e processos de racialização, tanto reproduzindo estereótipos como contestando-os. É então terreno fértil de afirmação identitária e pertencimento, profundamente ligado ao contexto e ao território.

Neste sentido, os artigos inéditos e originais deste dossiê contribuem para romper com o didatismo – que aliando prática e técnica se foca na mecânica do ensino-aprendizagem e das metodologias didáticas eficazes sobre “como” melhor ensinar –,

para questionar o pedagogismo – que aliando teoria e ciência se foca nos “porquês e “para quem” se ensina, informando a intencionalidade adulta – e para sublinhar o valor de práticas educativas com crianças na educação de infância – e não com se fossem alunos num “ensino infantil” – em que tudo e todos, incluindo outros seres vivos, objetos e matérias, adultos e crianças, a propósito da sua existência mútua, se educam, aperfeiçoam e transformando continuamente. Desconfinar da mesmice da sala da creche e jardim de infância, descolando do ensino de conteúdos tidos como ‘os’ úteis ao sucesso académico futuro, afunilados no preenchimento imobilista de apostilas e/ou armadilhados em propostas ditas ‘lúdico-pedagógicas’ que instrumentalizam o brincar, é apostar numa análise crítica da Educação Infantil que perspetiva a infância e as relações educativas mais amplamente, como algo que acontece a todo o momento, em todo o lado, e em que “a brincar se aprende” com todos e tudo.

Na distância que vai da visão entre “a brincar se aprende” e “brincar *para* aprender” está a lógica a-crítica e despolitizada da última em que o adulto transfigura o lúdico na realização de tarefas escolares ou paraescolares, frequentemente com regras, disfarçadas de jogos. São, portanto, ‘trabalho a cumprir’ e ‘prestação de contas’ numa cadeia que envolve o controlo sociocognitivo de crianças, educadores, pais e sociedade, e anulam a autodeterminação e a dimensão lúdica do prazer de brincar em algo socialmente inútil se não houver ganhos educativos visíveis para o adulto. Esta crítica à escolarização precoce, transversal ao dossiê, reitera a urgência e a importância de uma educação de infância lenta, “*Sem pressa*” de “*passar adiante das pernas*” e “*dar pulos (...) salta por cima*”, e sinaliza que esta viragem está em curso. Vários artigos convidam então a descolonizar o olhar sobre a infância, reconhecendo o brincar como espaço de negociação intercultural e de práticas alternativas em que as crianças transformam e dão sentido a um mundo mais inclusivo e sustentável contra a educação neoliberal.

Finalmente, os artigos apontam o valor dos adultos e seus papéis na educação de infância, apontando para posturas e intervenções pedagógicas assentes na observação sensível e na escuta ativa das crianças, numa mediação discreta e minimalista mais confiante nas competências das crianças do que nas suas dependências, garantindo-lhes condições para processarem a(s) sua(s) agência(s) e as suas próprias agendas, construindo as suas “ordens” e vivendo a(s) sua(s) infância(s). Deslocar-se da tradicional vanguarda para seguir na retaguarda das crianças, é ser capaz de agir enquanto educador, e não como uma espécie de docente, num “diálogo entre dois mundos” coexistentes nas instituições – o das culturas pedagógicas e o das

culturas infantis -, levando a sério as iniciativas das crianças sem centralizar em si a ação nem interromper o fluxo lúdico, nem impor objetivos prematuros para que, ao brincarem, as crianças exerçam a sua cidadania no presente, protagonizando as suas próprias histórias. Mas dignificar o brincar requer também que, perante tensões sociais e reprodução de desigualdades de classe, gênero, raça ou outras, a mediação do educador seja consciente e intencional para desestabilizar narrativas hegemônicas e promover uma convivência igualitária que anime a natureza heurística do brincar.

Não ambicionando trazer respostas definitivas para debates e questões complexas e tensas, pois que elas não existem, o dossiê "*Brincar: diálogos entre dois mundos*" lembra que não existe democracia genuína sem a presença de cidadãos dispostos a conhecer o mundo, a romper com as transparências ilusórias do senso comum e a desafiar a normalização de instituições, políticas, ideias e relações sociais antidemocráticas. Por isso, mais do que o dever de servir às famílias e às crianças o pronto a vestir acadêmico a que aspiram impõe-se o dever de *resistir* (Biesta, 2015), desviando-se de rotas já traçadas para incluir e valorizar o inesperado e a novidade das crianças que aprendem nas errâncias do brincar sem saciarem o seu desejo de saber. Em suma, aprender junto com elas, "*sem pressa*", é tornar estes encontros significativos tanto para fins educativos, quanto democráticos.

O futuro da educação infantil está em jogo. Mas quanto mais pessoas estiverem preparadas para questionar os discursos dominantes, quanto mais pessoas estiverem dispostas a se engajar com narrativas alternativas e com a multiplicidade de perspectivas e debates, quanto mais pessoas estiverem preparadas para se comprometer com o árduo trabalho de construir utopias reais, melhores serão as perspectivas (Moss, 2019, p. 176).

REFERÊNCIAS

APPLE, Michael; BIESTA, Gert; BRIGHT, David; GIROUX, Henry; MCKAY, Amanda; MCLAREN, Peter; RIDDLE, Stewart; YEATMAN, Anna. Reflections on contemporary challenges and possibilities for democracy and education. **Journal of Educational Administration and History**, 54(3), p. 245–262, 2022. Disponível em <https://doi.org/10.1080/00220620.2022.2052029>

BIESTA, Gert. What is education for? On good education, teacher judgement, and educational professionalism. **European Journal of Education**, (50)1, p. 75–87, 2015. Disponível em <https://doi.org/10.1111/ejed.12109>

CARVALHO, Bruno; TAVARES, Francisco; FANHA, João, FONSECA, Miguel; PERALTA, Susana. **Portugal**. Balanço Social 2025. Balanço anual. Nova School Business Economics, 2025. Disponível em: <https://portugalbalancosocial.pt>

CEPAL. Comissão Econômica para América Latina e Caribe. **Panorama Social da América Latina 2023**. Santiago: CEPAL, 2023. Disponível em: <https://www.cepal.org>.

MBEMBE, Achile. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MOSS Peter. **Alternative Narratives in Early Childhood**: An Introduction for Students and Practitioners. Abingdon: Routledge, 2019.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

"NÃO TENHO PRESSA. PRESSA DE QUÊ?" OU... APRESENTAÇÃO DO DOSSIER
"BRINCAR: DIÁLOGOS ENTRE DOIS MUNDOS"

"I'm not in a hurry. In a hurry to do what?" or... presentation of the dossier
"Play: dialogues between two worlds"

Manuela Ferreira

Professora Associada / Doutora em Ciências da Educação

Universidade do Porto

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

Porto, Portugal

manuela@fpce.up.pt

 <https://orcid.org/0000-0003-4512-1669>

Patrícia de Moraes Lima

Doutora em Educação

Universidade Federal de Santa Catarina

Departamento de Metodologia de Ensino

Florianópolis, Brasil

patricia.demoraeslima@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-6565-4852>

Ana Paula Braz Maletta

Doutora em Educação

Universidade do Estado de Minas Gerais

DEPEA/PPGE

Belo Horizonte, Brasil

ana.maletta@uemg.br

 <https://orcid.org/0000-0002-3253-3990>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Manuela Ferreira: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Rua Alfredo Allen, s/n, 4200-135 Porto, Portugal

AGRADECIMENTOS

As organizadoras do presente Dossier Temático agradecem à direção da revista Zero-a-Seis o acolhimento da proposta e todo o apoio prestado no processo que tornou possível a sua edição

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: M. Ferreira, P. M. Lima, A. P. Maletta

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte ao texto de apresentação do presente Dossier Temático foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Márcia Buss-Simão.

HISTÓRICO

Recebido em: 13-08-2026 – Aprovado em: 13-08-2026 - Publicado em: 20-08-2026